

O INVENTÁRIO E SEUS ACTORES E ACTRIZES NO PANORAMA MUSEOLÓGICO PORTUGUÊS

MUSEU DE ASSOCIAÇÃO (ANF) – Museu da Farmácia

Património da indústria e das praticas laboratoriais farmacéuticas

Paula Basso (Assessora da direcção e responsável pelo inventário)

Lisboa - 5 / 11 / 08

1. A inventariação, o inventariante e o Museu

Então que é que eu faço, faço investigação sobre as colecções do Museu, faço inventariação, conservação, guião de exposições, *merchandising* da loja, serviço educativo...

Tudo isso faz? A sério?

A sério.

Mas disse-me que a sua formação era de história da arte?

História.

Então, oficialmente, o cargo que ocupa é de conservadora.

Somos duas pessoas, é o Director do Museu e sou eu.

E a Paula acaba por dar a cara pelo conjunto de áreas que acabou de referir.

Assegurar, não eh?

Falando em inventário, também é responsável por esta função.

Responsável e executante.

1.1. Diga-me as dez primeiras palavras que lhe venham ao pensamento quando ouve falar em “inventário”.

1. Sistematização
2. Investigação...tem que ser 10 palavras? Sim.
3. Estudo
4. Organização
5. Gestão
6. Descrição, faltam quantas? 4.
7. Imagens
8. Fotografia
9. Designação
10. Época

1.2. Queria pedir-lhe para me desenhar/descrever, primeiro por palavras, mas também num esquema simples, o circuito de inventariação do Museu nas condições actuais.

1.3. Gostaria então que me dissesse, sob condições ideais, qual seria o circuito adequado.

Estou a perceber. Acho que este é o ideal, não sei que é que mudaria.

Vê restrições ou condicionantes em alguma dessas fases. Depende dos museus...

Ficava assim.

Sim ficava porque também não estou a ver como é que isto se poderia fazer de outra maneira.

Muitas vezes o inventário é feito logo aqui (aquisição) porque entre a compra, o transporte e a entrada nas reservas decorrem alguns meses. Muitas vezes quando nós compramos já está feito o inventário e quando chega a peça é que é feita a fotografia. Mas isto muda as vezes.

Quando diz que as vezes na compra já está feito o inventário são vocês que o fazem ou vem já feito com a peça?

Sim, se for um catálogo eu tenho logo os dados da peça: a medida, o material, tenho a fotografia e também posso digitaliza-la e... portanto tenho os dados dela. Depois posso investigar mais sobre a peça, se tenho dúvidas de alguma coisa investigo a bibliografia, a peça. Mas nem sempre é isto, pode mudar a ordem.

Depende dos casos.

Sim.

2. A última incorporação

2.1. Diga-me em qual das modalidades foi feita a última incorporação de um bem cultural/exemplar:

- | | | | |
|----------------------|-------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------|
| 2.1.1. Compra | <input checked="" type="checkbox"/> | 2.1.10. Proveniência desconhecida | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.2. Doação | <input type="checkbox"/> | 2.1.11. Herança | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.3. Empréstimo | <input type="checkbox"/> | 2.1.12. Permuta | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.4. Legado | <input type="checkbox"/> | 2.1.13. Afectação permanente | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.5. Recolha | <input type="checkbox"/> | 2.1.14. Preferência | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.6. Achado | <input type="checkbox"/> | 2.1.15. Dação em pagamento | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.7. Transferência | <input type="checkbox"/> | 2.1.16. Depósito | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.8. Expropriação | <input type="checkbox"/> | 2.1.17. Produção própria | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.9. Fundo antigo | <input type="checkbox"/> | 2.1.18. Outra. Qual?..... | |

2.2. Indique-me agora em qual das modalidades foi feita a última incorporação de uma colecção:

- | | | | |
|----------------------|-------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------|
| 2.2.1. Compra | <input type="checkbox"/> | 2.2.10. Proveniência desconhecida | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.2. Doação | <input checked="" type="checkbox"/> | 2.2.11. Herança | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.3. Empréstimo | <input type="checkbox"/> | 2.2.12. Permuta | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.4. Legado | <input type="checkbox"/> | 2.2.13. Afectação permanente | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.5. Recolha | <input type="checkbox"/> | 2.2.14. Preferência | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.6. Achado | <input type="checkbox"/> | 2.2.15. Dação em pagamento | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.7. Transferência | <input type="checkbox"/> | 2.2.16. Depósito | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.8. Expropriação | <input type="checkbox"/> | 2.2.17. Produção própria | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.9. Fundo antigo | <input type="checkbox"/> | 2.2.18. Outra. Qual?..... | |

3. Uma história simples

Pode contar-me uma história acerca de uma dessas incorporações – ou de outra que lhe venha à memória agora e que julgue interessante – referindo em especial:

- 3.1. A data – certa ou aproximada – em que ocorreu;
- 3.2. As negociações entre o/a doador/a, ou vendedor/a, e a direcção do Museu ou quem o representou (as pessoas que participaram nessas reuniões);
- 3.3. Onde estava guardado o bem/exemplar ou a colecção?
- 3.4. Como se fez o reconhecimento local da situação em que se encontrava o bem/colecção? A pessoa que fez a venda ou a doação deixou tirar fotografias no local?
- 3.5. As observações que foram efectuadas nesse local foram consideradas importantes para o conhecimento desse bem/exemplar e para a sua *nova forma de vida* no contexto do Museu?
- 3.6. A chegada ao Museu: Quem se interessa por ver o bem /exemplar ou a colecção? Quem tem acesso a ele? Contam-se histórias? Acontece algo de novo no Museu e nas relações entre as pessoas?

3.7. Como são feitos o inventário e a arrumação no contexto do Museu;

Nós tivemos uma doação, foi no princípio do ano (2008) de um conjunto de 130 quadros de arte contemporânea portuguesa e também internacional. Para já foi uma surpresa terem escolhido o Museu da Farmácia para doar uma colecção de arte contemporânea. O doador insistiu que queria que fosse o Museu da Farmácia. E portanto, como é que aconteceu? Fomos lá a fazer levantamento de fotografia e os dados gerais, uma listagem. Depois foi o transporte, portanto cada peça estava identificada com os seus dados e depois chegou cá...

O doador era o proprietário da colecção? Era. E porquê é que doou ao Museu? Não estava doente, não...?

Ele ao longo da sua vida constituiu esta colecção com o objectivo de fazer um museu ou uma casa-museu onde a presença, o nome dele estivesse assegurado, porque é uma pessoa sem filhos, tem uma sobrinha e, pronto! Não deixa herdeiros directos, vá lá?

Por isso, em princípio o seu nome iria desaparecer. Com esta colecção estaria a assegurar... a sua continuidade, vá lá. Portanto doou em primeiro lugar à sua terra, onde nasceu, e a câmara não entendeu bem o valor da doação e portanto nunca aconteceu aquele museu que o senhor tanto ansiava. Então ficou sem efeito e doou ao Museu da Guarda. Na Guarda gostaram imenso da colecção, claro, apreciaram a colecção, mas depois nunca se desenrolou para que acontecesse, ou aconteceu uma inauguração, sim senhor, mas também não ficou satisfeito. Não posso dizer muito bem quê é que aconteceu. Penso que ele não terá ficado satisfeito e, uma vez que as coisas não tinham seguimento, no sentido que ele pretendia, resolveu: “muito bem, isto não avança, então vou dar à associação da minha profissão” porque o senhor era farmacêutico e, então daí a Associação Nacional das Farmácias.

Porque os quadros disse-me que eram de arte contemporânea, mas os motivos pintados...

Não tem nada a ver com farmácia.

Neste caso a ligação é a profissão do proprietário. Sim mas não. Portanto doou a colecção, contactou a ANF, o presidente da ANF: “Sim senhora, temos muito interesse” e, portanto a colecção veio para o Museu.

Como se fez o reconhecimento local da situação em que se encontrava o bem/colecção.

Se a pessoa que fez a venda ou a doação deixou tirar fotografias no local;

Sim, primeiro fomos ver o que é que era porque, para já, não sabíamos o que era. O senhor até tinha já catálogos, já tinham acontecido exposições, não de toda a colecção mas de alguns quadros. Portanto nós tivemos uma ideia do que seria pelos catálogos e depois fomos lá fazer inventário, vá lá uma listagem, não era propriamente inventário. Fizemos uma listagem e pusemos um número de inventário, vá lá, com a fotografia. Depois foi o transporte e trouxemos a colecção para cá. Entretanto foi toda fotografada, fizemos uma avaliação do valor que estava em causa, saber se eram obras verdadeiras, se eram cópias se eram... também fizemos essa avaliação. Depois inventariamos, fizemos uma ficha, o nº de inventário

Quando fala em ficha está já a falar em inventário.

Sim, em inventariação do Museu que, em geral é uma forma de listagem, que é a inventariação normal que se segue para qualquer peça. Depois fizemos um catálogo da exposição e uma homenagem ao doador.

E depois ficaram onde? Nas reservas? Porque foi uma exposição temporária...

Sim, temporária, uma vez que o Museu não dispõe de instalações para ter exposições temporárias. Utilizamos o *hall*, mas o *hall* não está, nunca esteve pensado para a gente fazer uma galeria de exposições temporárias ou uma galeria de arte. Se bem que é o que nós temos e portanto trabalhamos assim.

Se as observações que foram efectuadas nesse local foram consideradas importantes para o conhecimento dessas peças e para a sua *nova forma de vida* no contexto do Museu;

Percebi que o senhor fez sacrifícios para conseguir aquela colecção, uma colecção francamente muito boa. E eu penso eu o objectivo era reconhecimento público, perpetuando um nome.

A Paula teve oportunidade de falar pessoalmente com ele?

Sim. E também fizeram uma entrevista no Expresso.

Esse quadros... como é que ele chegou até eles? Ao longo da vida?..

Eu acho que ele comprava em galerias de arte de Lisboa e do Porto. Foi aconselhado por galerias de arte.

Então o critério era, sobretudo, dos galeristas.

Sim.

4. O Museu manifesta-se

Pode falar-me dos temas que mais interessam ao Museu para um reconhecimento dos bens culturais que nele entram, dando conta sobretudo:

- 4.1. De aspectos relacionados com a história do bem/exemplar: material de que é feito, funções que exerceu ou exerce, o seu autor ou autora, as circunstâncias em que foi feito, o seu valor estimativo para as pessoas que o tinham na sua posse;

Para nós, como é a história de uma profissão, interessa a função do objecto, as vezes também o material, a decoração... mas essencialmente é a função. É a função de um almofariz, um instrumento, um recipiente... portanto servir para algo na profissão. Basicamente é isso, depois e o nível artístico, aí já entra no domínio da história da arte.

Mas quando fala em função, isto quer dizer que vocês vão fazer pesquisa a esse nível cada vez que entra um objecto no Museu, vão tentar ter acesso a essa informação?

Normalmente não. A maior parte da colecção do Museu foi constituída através de doação e aí fizemos esse estudo, para quê é que serviam os objectos. Neste momento, a partir de 97, constituímos uma colecção através de aquisição e compra de peças e, portanto, nós, quando escolhemos aquela peça já sabemos para quê é que ela servia. Porque tínhamos conhecimento da história da peça, da função... portanto são formas de trabalhar diferentes. Primeiro nós tínhamos a peça e íamos investigar para quê é que servia e, agora não, já fizemos a investigação de qual é a função da peça e escolhemos exactamente. Quando ela entra nós já sabemos qual é a função, qual é a história... as vezes para completar determinados núcleos, o para completar aquela peça que representa, sei lá dentro da história do vidro, uma técnica especial... depende. Nós temos uma colecção tão basta, quer a nível de culturas e civilizações, quer a nível de objectos, portanto depende.

Quando me diz: “uns objectos já tínhamos, e tivemos que documentar a sua existência, outros, como acontece nesta segunda fase de vida do Museu, foi ao contrário, mas... aqueles que já tinham, vem de onde? Qual é a origem do Museu?”

O Museu foi criado... Nós tínhamos primeiro uma colecção, constituiu-se uma colecção a partir de 1981.

Como é que surge essa colecção? É iniciativa de quem? Dum grupo de farmacêuticos?

Dois farmacêuticos, por acaso um deles era o meu pai, tendo a iniciativa de fazer um museu, porque achou que era interessante ter um conjunto de objectos, uma colecção que representasse a profissão farmacêutica, uma vez que em Portugal não havia nenhuma farmácia histórica, nenhum Museu da Farmácia, nenhuma colecção que representa-se a profissão farmacêutica. Portanto, tinha uns objectos em casa, doou os objectos para a ANF...

Que já existia?

Já existia nos anos 80, desde 74, 75 que foi constituída e, como o meu pai pertencia à direcção, a direcção aprovou esse projecto e, portanto, ele e o outro farmacêutico andaram pelas farmácias do país inteiro a procura de objectos que tivesse interesse: coleccionar... ter interesse histórico, representativo da profissão... técnicas de manipulação de

medicamentos... aconteceu assim. Nós viemos mais tarde. Quando chegamos a colecção estava praticamente feita.

Quando abriram o Museu?

Quando nós entramos. Portanto eu e o Dr. João Neto que é o director, entramos em 1990. Eu fui sempre ajudando, na inventariação... mas a colecção já existia, portanto tivemos que investigar qual a função de: um rolhador de pílulas, um tabuleiro, um estojo de fabrico de ostias... portanto tivemos que investigar uma vez que a colecção já existia. Agora já é o contrário.

E, quando é que abriu o Museu?

O Museu abriu em 1996, portanto o Museu, ao público, abriu em 1996.

Até aí não havia uma instituição aberta ao público?

Não. Nós tínhamos a colecção, estudávamos a colecção, e fizemos o projecto do Museu, portanto, como é que seria... portanto o projecto em 94-95. Depois começaram as obras e foi a instalação do Museu.

4.2. De aspectos relacionados com a história da pessoa ou pessoas que o usufruíram;

Não. Nós, no início como era doação dos associados da ANF, nós tínhamos: o doutor nãoiseique, da farmácia nãoiseionde... de aquela localidade. Entretanto o tempo foi passando, a farmácia muda de nome, o doador já não está na farmácia e, portanto, essa informação dos doadores já se diluiu.

Mas não fica registada em nenhum momento?

Sim fica, fica registada. Agora, por exemplo, um objecto que é comprado a nível internacional... por vezes temos essa informação no catálogo, mas muitas vezes não temos, não sabemos qual é o percurso da peça.

E quando não vem no catálogo fica assim?

Fica. Nós estamos mais preocupados, para quê é que servia, qual foi a história, u objecto, vá lá, integra-lo dentro da história política económica e social, quando ele foi utilizado. Portanto e essa mais a perspectiva global, não tanto... que foi para aquela pessoa... por vezes isso até tem sentido mas, a abordagem é mais por aí.

4.3. Gostava de saber se o registo destas informações é tido por essencial:

4.3.1. Para se prepararem exposições no futuro;

4.3.2. Para a história do Museu e das suas actividades;

Sim, por exemplo fazer as legendas, para as nossas vistas guiadas, para as publicações que fazemos. Portanto ela está nas fichas e depois utiliza-se ou não, conforme se tem interesse ou não, se são relevantes.

4.4. Estes estudos e inventários permitem considerar o bem/exemplar que entrou no Museu, ou a colecção que passou a fazer parte do seu espólio, objectos que antes tinham uma vida em sociedade?

Nós tentamos integra-la. As vezes um conjunto de peças tem uma história semelhante, dar a visão de como é que seria farmácia, saúde, medicina, tratamento do corpo, também muitas vezes associado à saúde e ao bem estar... devemos fazer essa abordagem mais geral. Nós

não contamos propriamente a história de aquele farmacêutico ou daquela companhia, daquele laboratório...

5. Projectando o Museu ideal.

5.1. Indique-me que propostas apresentaria para actualizar e conferir maior eficácia ao quadro de funcionários/as do Museu, falando em especial:

Teríamos uma pessoa para o inventário das peças, duas pessoas para o serviço educativo e uma pessoa administrativa para o arquivo e para a parte administrativa.

Para já era isto.

5.1.1. Nos conhecimentos que uma pessoa deve ter para estudar e inventariar objectos e colecções;

Mas, a colecção do Museu?

Sim.

É difícil porque nós não temos por exemplo... o Museu do Egipto, e então uma pessoa especialista no Egipto. Não, nós temos tantas culturas, tantas civilizações, e temos a história da farmácia, ao mesmo tempo de saúde. Portanto, torna-se difícil dizer que só uma pessoa tem que ter o domínio de um conhecimento ao nível da h^a da arte ou da arqueologia ou de ser farmacêutico ou... no fundo é ter tudo numa só pessoa. Essa pessoa, a medida que tem um objecto vai ter que se especializar e investigar sobre esse objecto. Não quer dizer que tenha que ter um curso superior só naquela área porque depois a seguir pode ter que ser um especialista em mobiliário, mas a seguir já tem que ser do almofariz, ou tem que ser da cerâmica ou da h^a do vidro... e ao mesmo tempo também tem que ter conhecimentos da h^a da farmácia, da microbiologia... não é fácil. Não pode ser só uma coisa específica.

Então acha que a figura do inventariante tem que reunir todo um conjunto de conhecimentos ou pelo menos estar disposto...

Sim. Tem que ser uma pessoa que tem que ter capacidade de aprender e não ficar só numa determinada área de conhecimento... e capacidade de investigar.

5.1.2. Em outras categorias profissionais relevantes para o estudo e inventário de objectos e colecções de diferentes naturezas;

Pode dar-me alguns exemplos?

A própria Paula estava referir aqui a necessidade do inventariante ter todo um conjunto de conhecimentos ou então ir a procura deles... se calhar há outros especialistas que podiam trabalhar em equipa com ele, de forma que o inventário ficasse feito de uma forma mais completa...

Mas na área da museologia ou nas outras ciências?

Na área do inventário no contexto deste Museu.

Por exemplo um historiador de arte, um arqueólogo, assim desta área?

Sim.

E um farmacêutico, estes três são fundamentais.

5.1.3. Nas categorias profissionais que gostava de criar para aperfeiçoar o trabalho de inventariação.

Categorias profissionais?

Sim.

Sinto a falta de um fotógrafo.

As vezes nem é preciso criar...

Um fotógrafo para fotografar as peças, claro que quando é preciso para publicações tem que vir um fotógrafo profissional.

Porque, no dia a dia do museu não há?

Claro que não. E mais... sei lá! Não estou a ver mais nenhuma?

5.2. Indique-me alguns dados sobre o pessoal relacionado com a função da inventariação no contexto deste Museu, referindo por exemplo:

O nº de pessoas que desenvolve esta função no Museu;

Sou eu; é assim, nós já tivemos mais, eram estagiários eram estudantes que estavam a acabar a sua formação.

A trabalhar exclusivamente no inventário, Paula?

Não estavam a fazer o seu trabalho e depois também faziam inventário. Depois também tivemos outras pessoas, basicamente para introdução de dados. O inventário já estava feito, era só para introduzir informaticamente.

Estava feito em papel.

Sim, depois foi preciso introduzir a fotografia e a ficha na base informática. Isso já está feito. Portanto tudo o que estava no livro de registo foi introduzido por várias pessoas. Neste momento é só introduzido por uma pessoa que sou eu.

Quando me diz que é introduzido por uma pessoa... quê é que a Paula faz? Vai actualizando dados? Limita-se a acrescentar os dados das novas incorporações?

Vou actualizando os dados em alguns casos e introduzo as peças que entram no Museu, que já não são tantas como eram antigamente.

As suas idades e sexos;

43.

A sua formação (áreas, níveis e actualizações);

Formação em história e pós-graduação em museologia e património artístico.

Têm feito actualizações da sua formação?

A partir daí não, depois senti necessidade de ter conhecimentos mais técnicos, de aí ter ido para Tomar. Penso que, na altura em que eu estudei, estava tudo muito voltado para a pintura, parecia como se todos os museus tivessem pinturas dos séculos XV e XVI, que não é de maneira nenhuma o nosso caso. Senti necessidade de uma formação mais técnica.

De resto não tem sido possível. Neste momento é capaz de ser boa altura. Agora com Bolonha não sei se irei fazer o mestrado, se irei fazer o doutoramento. Como tenho aquelas cadeiras todas, não sei, espero vir ater mais formação.

A sua experiência profissional... foi ganhando ao longo do tempo? Ou esteve ligada a outros museus?

Não, museus só trabalhei neste Museu, estou aqui desde a formação do Museu, portanto também sou responsável pela formação deste Museu desde o início.

E ao nível do inventário?

Não, o que eu aprendi foi com a professora Correia Guedes na minha especialização em museologia. Não estive a trabalhar noutros museus

As suas condições de trabalho. Suponho que está ligada ao Museu na qualidade de funcionária...e disse-me que está na qualidade de conservadora.

Sim, conservadora.

E em que condições exactamente, seria capaz de dar-me uma ideia sobre a sua remuneração?

Em que nível?

Sim.

Técnica superior, conservadora principal e, a nível remuneratório, não sei. Assim, um valor aproximado para eu perceber a diferenças entre os diferentes profissionais... Mas qual o valor do ordenado? Sim, mas é apenas aproximado. Bruto ou líquido? Líquido sei, bruto não... Cerca de 2000 €, 1997€...aproximadamente.

5.3. Fale-me do que faria para transformar o seu Museu num lugar ideal para o público, no que tem a ver com o acompanhamento de visitantes.

O nosso serviço educativo é um bocadinho diferente por que como estamos na área da saúde, o nosso serviço educativo é exactamente nessa área.

Como, sensibilizando as pessoas?

Sim, crianças e jovens. Nós fazemos visitas guiadas, claro que é sobre o Museu, a história da farmácia, da medicina, da saúde, através da nossa colecção, portanto temos as nossas visitas guiadas na área da colecção do Museu. Mas depois, nos ateliês e nas festas de aniversário não é tanto sobre a colecção do Museu, é sobre os cuidados de saúde a ter com o sol, com as cáries dentárias, com a higiene pessoal, para os jovens: tabaco, álcool... têm mais a ver com a saúde do que propriamente com a colecção.

Que faria para transformar o seu Museu num lugar ideal para o público, no que tem a ver com o acompanhamento de visitantes.

Punha aquele áudio-guia, as legendas também tinham que ser trabalhadas, gostava de ter mais a parte da multimédia e queria ter alguém permanente no Museu, alguém de acolhimento, que neste momento não existe. E também ter mais pessoal a fazer as visitas, nós trabalhamos com pessoal externo ao Museu... É uma empresa? São duas empresas. Nós dizemos o dia, a hora, quantas pessoas é que são e vêm cá.

5.4. Indique-me como transformava o seu Museu num lugar ideal para o público, referindo mais especificamente as questões que envolvem contactos e relacionamentos com a população envolvente.

Nós trabalhamos para o público em geral, não para aqui para a zona do bairro alto. O nosso público é os farmacêuticos, quer nacionais, quer internacionais, farmacêuticos do mundo inteiro, que se interessam pela história da sua profissão. Depois temos um público variado, e o público escolar e o sénior, estudantes de farmácia.

Já fizeram algum estudo de públicos para perceber...

Muito pouco, temos ideia de faixa etária, sexo, profissão.

Com a população envolvente temos um projecto, no ano passado tivemos um projecto, a escola do nosso bairro, vieram cá, fizemos uma visita, oferecemos-lhes um atelier sobre os piolhos ou sobre qualquer coisa assim deste género, ou sobre as alergias... e depois...

As temáticas das actividades são definidas pela empresa, por vocês...

Pelos dois. Dum modo geral a crianças também adoecem, doe-lhes a barriga, doe-lhes a cabeça... e portanto o nosso público é muito basto, vai desde os 3 anos até aos 80, 90. Não precisamos de fazer um grande esforço para explicar quê é que é a doença, que é que é a dor, para quê é que serve um medicamento... As pessoas têm uma percepção imediata do que é. São temas variados, não eh?

6. A gestão do conhecimento.

6.1. Fale-me do sistema de documentação e gestão da informação relacionada com o espólio do Museu, referindo em especial:

- A denominação do sistema utilizado e os objectivos pretendidos pelo Museu;
- A sua utilidade (a nível interno e externo ao Museu), possibilidades de trabalho em rede com museus da mesma temática e com museus em geral, preparação de exposições...;
- A possibilidade de actualização do sistema e dos dados nele contidos;
- Os custos aproximados que envolve a sua aquisição e manutenção.

É assim, temos um livro de registo onde registamos as peças, à entrada. Portanto um nº de inventário... Depois fazemos a informatização, dantes tínhamos as fichas, agora, neste momento já acabamos com isso, fizemos as duas coisas ao mesmo tempo, mas depois achamos que já não valia a pena.

Agora é só formato informático.

Agora é só informático e livro de registo, e depois imprimimos a fichas e fazemos dossiers, ou por anos ou por temas.

As fichas antigas estão guardadas?

Sim estão.

A denominação do sistema utilizado e os objectivos pretendidos pelo Museu;

E o *in arte*.

E quando foi adquirido?

Acho que foi em 98.

Não é da mesma empresa que o *in património*?

Acho que é. É a Sistemas de Futuro? Sim é o Fernando Cabral.

A possibilidade de actualização do sistema e dos dados nele contidos;

Os custos aproximados que envolve a sua aquisição e manutenção.

Por acaso temos agora alguns problemas. Por acaso o programa é completo, eu gosto de trabalhar com o *in arte* por que não tem um dado, não tem uma categoria, aquilo a ficha que é sempre permanente, depois nós vamos completando. Aquilo tem aquela tabela específica que dá a possibilidade de ir adaptando as nossas necessidades e as características da nossa colecção. Temos trabalhado com o *in arte* por causa disso. Depois dá para relacionar com a conservação, portanto os objectos que saíram para a conservação, para o restauro, para exposições, dá para gerir a colecção, saber onde é que ela está: agora está na exposição, agora foi para a reserva... Da para seguir a peça, portanto é prático.

Consegue fazer actualizações?

Sim, eles de vez em quando vêm cá, não sei se é anualmente ou se é de dois em dois anos... Nós agora vamos adquirir o novo, não sei se é o *in arte premium*. Nós temos o *in arte plus*, já é de 98, portanto penso que vai haver uma actualização.

A Sistemas de Futuro tem outros programas, não eh?

Sim eles têm também o *in natura*...

E acho que um tal *in memória*...

Não sei.

A sua utilidade a nível interno e a nível externo ao Museu (possibilidades de trabalho em rede, museus da mesma temática, museus em geral...);

Por enquanto satisfaz, se bem que, neste momento, sinto necessidade de uma melhoria, que é o que nós vamos agora ter com esta nova versão, porquê neste, a pesquisa precisa de ser melhorada. Mas para o inventário acho que sim, que satisfaz.

Conseguem trabalhar em rede com outros museus que tenham o mesmo programa?

Penso que não.

Era engraçado poder trocar informações com museus da mesma temática, dentro e fora de Portugal...

Nunca surgiu assim gente com a qual...

Portanto é só para gestão interna.

É, do inventário e gestão da colecção.

Existe acesso público aos dados?

Pois, nós tínhamos que ter a colecção *on-line* mas como nós não temos *site*...

O Museu não tem site?

Não temos ainda porque só sou eu aqui a trabalhar. E portanto vai existir o site onde as pessoas vão ter acesso à colecção *on-line*, alguns dados, não é a ficha toda.

Estará a colecção toda disponível ao público?

Sim. Em princípio, na altura eram só 500 peças. Não sei como é que se vai fazer. Acho que se tem que seleccionar umas setenta peças...

Como é que vai fazer? É a empresa que vai fazer o site?

Quem vai fazer o site, isso não sei.

6.2. O que mudava/acrescentava ao sistema para ele desenvolver a sua função de foram mais dinâmica e acessível.

Mudava a pesquisa, porque acho que a pesquisa não me satisfaz, não consigo resolver os problemas, muitas vezes não tenho no dia-a-dia, e aquele sistema não está ser eficaz. Depois quê é que eu mudava... penso que não tenho assim nada de...

Porque o acesso público como é que o fazia?

O público sabia a designação, a origem, a época, o material...

E punha tudo isso à disposição do público na *Internet*?

Não, punha aqui no Museu, a pessoa fazia a consulta enquanto visitava o Museu, se estivesse interessada.

Punha esse tipo de dados disponível ao público. Outros tipos de informação como a história da peça...

Pois, a história da peça... nós fazemos muitas vezes a história da peça em conjunto ou, então faço a descrição específica daquela peça e, sim, teria a descrição da peça... A história é feita através de artigos, das publicações...

7. A experiência da entrevista realizada.

Gostava de saber o que é que achou da entrevista realizada.

Acrescentava algum outro dado que não tenha surgido ao longo da conversa? Qual?

Achei que a entrevista tinha perguntas correctas e... não estou a ver p quê é que seria... tal vez os campos que são preenchidos na ficha. Não sei se isso interessa ou não...

Claro que interessa, mais isso, se concorda até podíamos ir ver...

Sim ou até imprimir uma ficha. Ótimo. Também tenho assim de cabeça:

Nº de inventário

Designação

Descrição

Categoria

Colecção

Época

Local de aquisição

Localização da peça

Material Originalidade

Valor (quanto é que custou, se foi doação, oferta...) Basicamente é isto.

Eu se tenho uma pergunta. Qual é o número de peças do vosso espólio actualmente?
Umas 14.000. O que está exposto é uma percentagem pequena, não é? Mais ou menos, porquê cada farmácia leva uma infinidade de peças.

E o resto das peças? Estão nas reservas? Saem em algumas ocasiões, em que condições? Exposições temporárias neste Museu, em outros?

Por acaso agora cedemos peças ao Museu de Ciência, ali na Rua da Escola Politécnica. As peças estão em reservas, ou aqui ou exteriormente. Temos outra reserva no exterior.

Podemos dar uma vista de olhos nas reservas que estão aqui?

Sim. Não é a reserva ideal. Onde eu modificava mais, era na reserva. Não estou nada contente.

Mais disse-me que, em 96, quando o Museu abriu, vocês tinham seguido de perto o projecto...

Pois, nós disse-mos o que pretendia-mos, mas nem sempre as coisas foram aprovadas. Neste momento já temos outra posição. Neste momento estamos a fazer outro projecto que é o Museu da Farmácia do Porto. As coisas estão a correr bem, por enquanto: queremos estas condições, com esta reserva... Porquê, na altura, quando eu disse que queria condições de climatização permanentes, acharam que era assim uma coisa do outro mundo e, portanto, nós não tivemos ar condicionado, climatização... acharam que não valia a pena. Depois as coisas foram feitas *a posteriori* nunca ficaram bem. Ainda hoje tenho problemas com a humidade.

Estão a construir um novo museu no Porto?

Vai ser uma sede no Porto, da associação e da Aliança UNIQUEM, que é uma distribuidora e, pronto, vai ter um espaço de museu...

É num edifício histórico

Não, vai ser construído de raiz. Aqui foi uma adaptação. Isto era um edifício antigo, depois houve uma junção com outros dois edifícios ou três edifícios é portanto foi uma adaptação. Nós fomos crescendo. Fomos conquistando o espaço a pouco e pouco. O primeiro piso não foi pensado de maneira nenhuma para Museu, foi pensado com escritório. Não tem pé direito suficiente, não é uma grande área de exposição.

Obrigada.

Outras informações, relacionadas com questões não colocadas na altura da entrevista, e presentes no modelo final de guião utilizado no estudo.

Respostas obtidas, ao longo de 2010 e 2011, através de correio electrónico e por contactos telefónicos, com a colaboração de Paula Basso.

2.3. Quais os critérios a seguir quando da incorporação de um bem/exemplar?

Bens relacionados com a história da Farmácia nas suas mais variadas formas, centrando a nossa atenção nos aspectos que guardam relação com as especificidades de cada peça e também com o seu interesse no contexto da colecção ou das colecções do Museu.

Eu diria que o primeiro critério, o da raridade, e aquele que costumamos aplicar em situações em que optamos por adquirir, por comprar a peça.

6.1. Fale-me do sistema de documentação e gestão da informação relacionada com o espólio do Museu, referindo em especial:

Os bem inventariados no SGC do MF.

- **Número de bens que integram o espólio do Museu:** 15.254.
- **Percentagem com inventário informatizado:** 12.698.